

A TOE NA FORMAÇÃO DOS PESQUISADORES EM LINGUÍSTICA ENUNCIATIVA¹

Lionel Dufaye²

RESUMO: O presente artigo oferece uma reflexão sobre a teoria das operações enunciativas de Antoine Culioli como ferramenta de análise linguística voltada para os estudantes. Tentaremos sublinhar tanto as vantagens como as dificuldades acarretadas pelo uso desse quadro teórico no âmbito da formação dos pesquisadores em linguística.

Palavras-chave: Linguística; Enunciação; Teoria das Operações Enunciativas.

RÉSUMÉ: Le présent article offre une réflexion la théorie des opérations énonciatives d'Antoine Culioli en tant qu'outil d'analyse linguistique à l'adresse des étudiants. On tentera de souligner à la fois les avantages et les difficultés qu'implique le recours à ce cadre théorique dans l'optique d'une formation de chercheur en linguistique.

Mots clefs: Linguistique; Énonciation; Théorie des Opérations Énonciatives.

1. A especificidade da abordagem enunciativa

Constitui obviamente uma das prioridades especificar o lugar da TOE e da própria enunciação no contexto linguístico em que surgiu. Convém aqui lembrar que a enunciação, assim como a linguística generativa a partir do final dos 1950, permitiu recolocar em seu devido lugar a dimensão cognitiva, que fora esvaziada pelo estruturalismo. Todavia, ao invés de Chomsky, a enunciação não considera os processos cognitivos apenas como geradores de gramaticalidade, mas igualmente como ligados a uma interação entre sujeitos munidos de intenções, além de ancorados em contextos situacionais e culturais. De fato, ao contrário do estruturalismo, a enunciação envolve paradigmas que se sobrepõem aos paradigmas de superfície: a pragmática consiste precisamente na consideração dessas dimensões não literais da contribuição para o sentido. Assim, como bem o sublinhou Benveniste, a categoria do “Pronome”, que supostamente comutaria com o Grupo Nominal que substitui, torna-se inadequada no caso de JE (eu) e TU (tu): *JE/*Lionel suis de Paris (EU/*Lionel sou de Paris); TU/*Jacqueline es de São Carlos (TU/*Jacqueline és de São Carlos); ELLE/Jacqueline est de São Carlos (ELA/ Jacqueline é de São Carlos)*. Volta-se assim a outorgar preponderância aos conceitos de enunciador e co-enunciador, assim como à distinção entre discurso e narrativa. Tal distinção benvenistiana entre o plano da narrativa e aquele do discurso tem como consequência dirigir o foco sobre o nível da fala e do oral, ao passo que, desde Saussure, o objeto de estudo costumou ser a língua e a escrita. Neste sentido, podemos considerar que a enunciação se apresenta como uma dupla (r)evolução: de um lado, a introdução da fala como campo de estudo e, por outra parte, a introdução de paradigmas não literais (Situação, (Co-)Enunciadores, (Co-)Locutores, Funções discursivas...).

Na esteira dos escritos de Benveniste sobre os paradigmas da pessoa, ambas as duas grandes correntes enunciativas – a TOE (ou TOPE) de Culioli e a escola de Ducrot – exploram a problemática da

¹ Traduzido do francês por David Yann Chaigne (davidyannchaigne@yahoo.com.br)

² Université Paris-Est, LISAA (EA 4120), UPEMLV, F-77454, Marne-la-Vallée, França. lionel.dufaye@u-pem.fr.

intersubjetividade e da polifonia. Ainda que os fenômenos de polifonia sejam de certa maneira a ponta de lança da abordagem ducrotiana, a TOE tampouco negligencia este campo, como bem testemunham, por exemplo, os trabalhos de Wyld ou De Mattia, baseados em análises polifonistas muito finas. Porém, a teoria culioliana implica ademais uma conceitualização permitindo-lhe tratar de semântica lexical e gramatical para além das posições subjetivas. De resto, a semântica da TOE caracteriza-se por dimensões que abrem passarelas com o cognitivismo americano, como lembram proximidades conceituais tais como: Derterminado ⇔ Trajector, Índice de determinação ⇔ Landmark, Topologia ⇔ Space Grammar... Retomaremos mais adiante os principais conceitos de análise da TOE para deles propor uma breve apresentação.

2. “Do empírico ao formal”

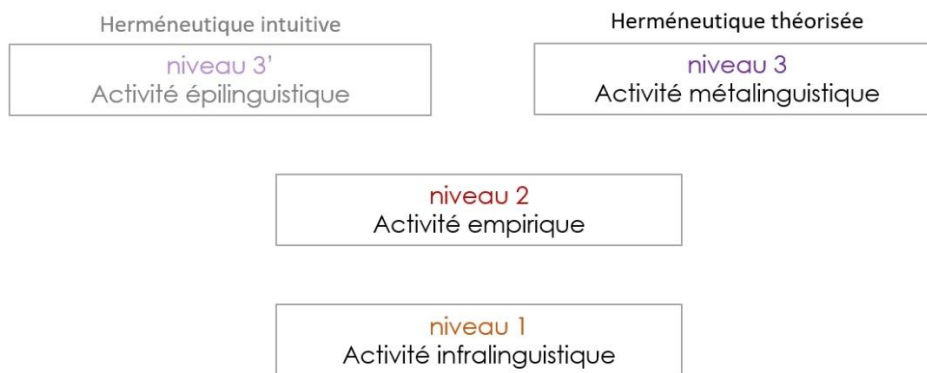
Partimos aqui do título de um artigo do Culioli para sublinhar que, em nível pedagógico, os estudantes são levados a pensar no que seria um corpus antes mesmo de serem convidados a refletir sobre os conceitos teóricos, o que, apesar de constituir uma etapa essencial, não é tão óbvio. De fato, ao lado da *gramaticalidade* à qual o sistema normativo francês os acostumou, os estudantes devem aprender a ver os dados sob a perspectiva da *enunciabilidade*. O típico exemplo de Culioli é, como sabemos, *Un chien aboie (Um cão ladra)* que, apesar de ser gramatical, pode dificilmente ser considerado enunciável. Assim, a partir de Benveniste, o destaque dado ao plano do discurso reorienta a atenção para a produção espontânea mais do que para uma língua idealizada. Desta maneira, os estudantes encontram-se sensibilizados a dois princípios:

1. A busca por dados deve prevalecer sobre a criação de exemplos.
2. A observação de recorrências prevalece sobre os juízos pessoal e normativo.

Além disso, os estudantes devem aprender a construir o seu corpus distinguindo “dados (coletados)” e “observáveis”, os quais são, por assim dizer, a consideração conjunta dos dados e dos fenômenos surgindo das manipulações destes mesmos dados. Por exemplo:

Dados	Manipulações	Observáveis
at night	*at the night	
on the night we met	*on the night *on night we met *on night	
in the night	*in night *in / *at the night we met	

É com esse método que fazem surgir as problemáticas sem as quais a linguística não passaria de uma paráfrase dos dados. Os observáveis pertencem ao que Culioli chama o Nível 2.



Como lembrete, o Nível 2 é o único tangível para formular hipóteses. Por sua vez, o Nível 1 é aquele das operações mentais, às quais não temos acesso, mas das quais tentamos modelizar uma simulação através de um discurso metalinguístico. Por fim, o Nível 3 elabora esse metadiscorso (intuitivo ou epilinguístico e depois teorizado), com o qual se espera dar conta das operações mentais do Nível 1. Tal processo de formalização não tem nada de linear e passa necessariamente por um vaivém entre o empírico e o formal.

- Parte-se de dados empíricos: Nível 2
- Formula-se uma hipótese: Nível 3
- Verificação da hipótese com mais dados: volta-se ao Nível 2
- Ajuste da hipótese: Nível 3
- Verificação da nova hipótese com mais dados: Nível 2
- Reajuste da hipótese: Nível 3
- Etc.

É apenas após essas oscilações hipotético-dedutivas que a formalização adquire certa estabilidade.



Segundo essa abordagem metodológica, os estudantes enfrentam uma dupla dificuldade:

1. Atividade empírica: realizar um levantamento e manipulações de exemplos.
2. Atividade teórica: pensar em representações mais ou menos formais.

Assim, os estudantes são levados a passar por leituras de artigos e livros sobre o assunto para orientá-los na fase de construção de corpus e, ainda com maior ênfase, na fase de formalização.

3. A formalização na abordagem enunciativa

Ainda que se fale em “formalização”, trata-se geralmente de um abuso de linguagem. O metadiscorso da TOE consistiria antes no que Culioli chamou de “modelização”:

A modelização está a meio caminho entre o que podemos inferir dos meus esquemas ou comentários e algo formal. (Culioli, *Notes du séminaire de l'ENS 2006*.)

É próprio de uma formalização permitir cálculos preditivos independentemente dos dados, o que raramente é o caso com a enunciação:

Stricto sensu, o raciocínio *vi formae* (i.e. em virtude da forma) caracterizar-se-ia, portanto, por uma autonomia perante os dados empíricos (*vi materiae*). Vê-se que um sistema desta natureza – como as matemáticas – não possui verdadeiro análogo em linguística [...]. (Dufaye, 2008: 38)

A função primeira deste trabalho de modelização ou de formalização, entendendo este termo em um sentido muito amplo, consiste em **regular o discurso**. De um ponto de vista didático, formalizar pode ser concebido como uma disciplina de organização do discurso linguístico em função de uma teoria. A modelização leva então a considerar que se poderia descrever fenômenos à primeira vista heterogêneos, em diversas línguas, a partir de um número restrito de conceitos. Retomando aqui uma ilustração ainda muito clássica, percebemos claramente a vantagem do uso de conceitos como *discreto* ou *compacto*, ao invés de multiplicar rotulações *ad hoc* :

	não-formalizado	formalizado
<i>Aimer (Amar)</i>	estado	compacto
<i>Eau (Água)</i>	incontável	
<i>Éternuer (Espirrar)</i>	ação	discreto
<i>Chien (Cão)</i>	contável	

Outra função da modelização consiste em fazer entender a importância de se estudar **as línguas na perspectiva da linguagem**. Invita-se assim os estudantes a tomarem consciência do fato que:

- não existem fenômenos isolados e que a análise linguística não deve dar explicações locais;
- a linguística distingue-se da gramática pelo fato de estudar as línguas não como sistemas isolados, mas antes como manifestações de uma faculdade cognitiva mais geral, a saber, a linguagem:

O objeto da linguística é o estudo da linguagem através da diversidade das línguas naturais. (Antoine Culioli).

3.1. Os conceitos da TOE

O aparato formal da TOE é algo completamente novo e, portanto, relativamente complicado para os estudantes, levados a se familiarizarem progressivamente com conceitos que nunca haviam enfrentado. Selecionar fenômenos em função dos conceitos convocados para deles dar conta poderia ser uma

interessante estratégia pedagógica. Poderíamos identificar, por exemplo, correspondências privilegiadas entre alguns tipos de conceitos e alguns tipos de fenômenos:

Tipos de conceitos	Tipos de fenômenos
Conceitos enunciativos padrão:	-Discurso Direto, Discurso indireto, Discurso Indireto Livre...
-pragmática vs semântica	-Construção de ponto de vista
-enunciado vs frase	-Fenômenos deíticos padrão
-predicação vs enunciação	-Tipos de advérbios: <i>Heureusement, il est arrivé. / *Joyeusement, il est arrivé. [Felizmente chegou./*Alegremente chegou]</i>
-enunciador vs. locutor	-Marcadores causais (<i>car, parce que, puisque...</i>) [pois, porque, já que...]
-co-enunciador vs co-locutor	
Conceitos TOE primordiais:	-Fenômenos deíticos complexos
-Determinações simples	-Modalidades
-Quantidade e Qualidade	-Determinações nominais
-Discreto – Denso – Compacto	...
-Extração, flechagem, varredura	
Conceitos TOE complexos:	-Preposições
-Representações topológicas	-Relações argumentais dos verbos
-Quantidade e Qualidade + Determinações complexas	-Aspecto / Aktionsart
-Notações formais	...

Os conceitos enunciativos padrão são, por assim dizer, o fundo comum das escolas enunciativas. Ainda que existam, entre linguistas, divergências nos pormenores, as posições convergem quanto ao princípio em si.

A distinção entre “locutores” e “enunciadores” foi introduzida em Ducrot et al. 1980 [...]. Propriamente falando, há quinze anos que não a trabalho mais,

porém, a usei aqui e acolá, no seio da “Teoria da argumentação na língua”, para marcar diferenças ao dar conta das argumentações.
(Ducrot, O, 2001, « Quelques raisons de distinguer ‘locuteurs’ et ‘énonciateurs’ », *Polyphonie n°3*)
O termo “enunciação” [...] insiste em dois pontos: o primeiro consiste em distinguir o enunciador do locutor, ponto este absolutamente fundamental [...].
(Antoine Culioli, 2000, Comunicação para a Universidade Toulouse le Mirail)

Por outro lado, a TOE põe em prática uma ontologia conceitual própria. Podemos tentar classificar esses conceitos em função do seu estatuto na construção dos valores referenciais do enunciado:

1. Conceitos de argumentos

- argumentos de paradigmas primitivos e predicativos: ξ_0 e ξ_1 ; a e b; λ ; C_0 , C_1 , C_2
- argumentos dos paradigmas enunciativos Sit, S e T

2. Conceitos de relatores

- operadores de predicação: π ; p; r / \dot{r}
- operadores de determinação: $\underline{\epsilon}$, =, \neq , ω , *

3. Conceitos de configuração semântica

- QNT / QLT
- Discreto - denso - compacto
- Extração, flechagem, varredura
- Estruturações topológicas
- Domínio nocional

Não se pode pensar aqui em iniciar um debate em torno de cada um desses conceitos. Portanto, apenas mencionarei brevemente, como lembrete, quatro paradigmas específicos:

- Identificação, diferenciação, ruptura
- Discreto, denso, compacto.
- Quantidade vs Qualidade
- Representações topológicas

Veremos adiante como estes conceitos podem aplicar-se com fins pedagógicos.

3.1.1. Identificação =, diferenciação \neq , ruptura ω

Um dos aportes da TOE é a tomada de consciência, por parte dos estudantes, do fato de a expressão da identidade ou da alteridade não representar tudo ou nada. De certa maneira, as operações de I determinação podem ser vistas como um prolongamento formal da reflexão de Benveniste sobre a semântica pronominal e, além disso, como uma estruturação formal dos marcadores deíticos ou aorísticos:

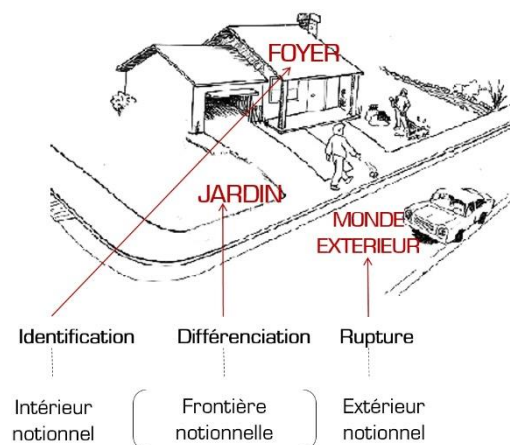
	= Identificação Sito	≠ Diferenciação Sito	ω Ruptura Sito
Pessoa	Je [eu]	Tu	il/elle [ele, ela]
Espaço	Ici [aqui]	là-bas [lá]	Paris
Tempo	aujourd'hui / -ci [hoje/este]	demain/hier / -là [amanhã/ontem/esse]	le 7 septembre 1822 [em 7 de setembro de 1822]

Em um segundo tempo, permite mostrar que os graus de alteridades encontram outras áreas de aplicação, inclusive no campo da análise literária:

Narrador	= Personagem	≠ Personagem	ω Personagem
Tipo de focalização	Interno Ex. <i>O Estrangeiro</i>	Empático Ex. <i>David Copperfield</i>	Externo Ex. <i>Ratos e Homens</i>

Estamos realmente diante de um fenômeno de determinação em um nível linguageiro muito transversal. Assim, grande parte da semântica das preposições baseia-se neste trio de determinação, como também os valores modais, os valores aspectuais, a referência nominal, etc. Em nível pedagógico, a partir das diferentes ilustrações, os estudantes podem entender sem muita dificuldade que, ao invés da gramática, que formula regras locais, a linguística praticada pela TOE põe em prática conceitos transversais que encontram aplicações em áreas à primeira vista dispares.

Ademais, o trio de determinações = / ≠ / ω fundamenta a estruturação topológica do domínio nocional **interior / fronteira / exterior**. Existe assim uma compatibilidade entre as formas de determinação e as representações topológicas.



Exemplo retirado de Jean-Pierre Desclés, 1990, *Langages applicatifs, langues naturelles et cognition*, Paris: Hermès.

3.1.2. Representações topológicas

Os conceitos topológicos usados por Culioli são essencialmente ligados à delimitação, ao fechamento e à abertura. Ex.:

Não delimitado).....(
Delimitado fechado	[.....]
Delimitado aberto].....[

A topologia foi regularmente empregada por Culioli em seus seminários, mas ela permanece explorada de maneira discreta pela maioria dos pesquisadores envolvidos na TOE, sendo que alguns dentre eles simplesmente nunca a usam. Uma das reticências diante desses conceitos talvez venha do fato de essa modelização encontrar-se próxima demais dos modelos espacialistas (cf. *Space Grammars* do cognitivismo norte-americano). Aliás, alinhar a topologia com o espacial demonstraria uma concepção errônea do que realmente são os conceitos topológicos. De fato, os conceitos de aberto e fechado podem ser muito produtivos para as necessidades da modelização em TOE, quiçá para as necessidades pedagógicas.

3.1.3. Quantidade (QNT) vs Qualidade (QLT)

Os conceitos culiolianos de Quantidade e Qualidade, amplamente explorados nesses últimos anos na maioria das pesquisas em semântica TOE, podem ser considerados uma forma de “reciclagem” dos conceitos lógicos de extensão e intensão, com aplicações específicas à linguística. Para os estudantes, trata-se novamente de chamar a atenção sobre uma nuance onipresente em nossos modos de representações e dominada muito cedo pelos locutores nativos. Assim, pode-se ouvir nos pátios das escolas a seguinte charada:

O que seria mais pesado que uma baleia?

Resposta: Duas baleias.

Sem sabê-lo, as crianças estão aqui brincando com os conceitos de Qualidade (tipo de animal) e de Quantidade (número de animais). De alguma maneira, trata-se de uma estruturação cognitiva primitiva que encontra modos de expressão translinguageiros. Outra distinção que os estudantes são convidados a determinar é a diferença entre dois tipos de qualitativo:

- objetivo (i.e. nocional/ trans-subjetivo)
- subjetivo (i.e. apreciativo)

Ex. N’importe quel vin fera l’affaire. [Qualquer vinho dará certo]

- QLT objetivo: tinto, rosado, branco...
- QLT subjetivo: bom, médio, ruim...

O Qualitativo objetivo é, de alguma forma, trans-subjetivo (compartilhado de sujeito a sujeito), ao passo que o Qualitativo subjetivo seria, ao contrário, passível de acarretar heterogeneidades, por ser ligado a algo apreciativo. Na realidade, as aplicações da distinção entre Quantidade e Qualidade são tão numerosas que se torna difícil elencá-las e QNT - QLT talvez sejam os conceitos mais transversais nos seus campos de aplicação: fonologia, morfologia, lexicologia, sintaxe, semântica. Convida-se os estudantes a reconhecerem alternâncias de marcadores que codificam aspectos Qualitativos ou Quantitativos em todos os níveis.

3.2. Um exemplo de aplicação: *neuf* e *nouveau* [não usado/recém-chegado]

A título de ilustração, tomo aqui um único exemplo, ou seja, o caso dos adjetivos *neuf* e *nouveau* em francês, que apresentam uma tripla vantagem:

- A sua diferença de sentido é facilmente apreensível em contexto.
- Mostram que a semântica interage com a sintaxe.
- Mostram que Quantidade e Qualidade se opõem, mas que podem igualmente combinar-se.

Assim, a diferença entre *neuf* e *nouveau* não seria apenas lexical e basear-se-ia ademais em uma restrição distribucional, o que mais uma vez permite ilustrar explicitamente a interação semântica/sintaxe. Assim, *neuf* é necessariamente posposto.

*Un livre neuf / *Un neuf livre*

Ao contrário, *Nouveau* é geralmente anteposto, ainda que possa ser posposto em determinadas condições:

Un nouveau livre (un premier livre)

?*Un livre nouveau*

Le Beaujolais nouveau

Un regard nouveau

Ambos podem ser empregados de maneira atributiva:

Ce livre est nouveau / neuf.

Desta maneira, os conceitos de Quantidade e Qualidade podem ser explorados para comentar esta sintaxe sob o prisma da semântica. Se partimos de uma definição clássica, podemos ler:

Neuf = feito há pouco e que não serviu (ou quase). *Une voiture neuve [um carro novo].*

Nouveau = que vem depois de alguém ou algo da mesma espécie para substituí-lo. *Ma nouvelle voiture est une voiture d'occasion [Meu novo carro é um carro usado].*

(Dicionário Larousse)

Por conseguinte, *Neuf* refere-se às características intrínsecas, tendo assim um valor estritamente Qualitativo. Estamos fora de uma localização temporal específica:

C'est encore nouveau = *cela vient d'arriver [acaba de acontecer]*: localização temporal deítica.

C'est encore neuf: as propriedades constitutivas ainda não foram alteradas.

Por sua vez, *Nouveau* encontra-se ligado a uma validação de ocorrência e remete à passagem de um estado 1 (isso não existia) a um estado 2 (é o caso), determinado em relação a um marco temporal, de tal modo que temos aqui um valor Quantitativo.

*Le nouvel article (*neuf) de Jacqueline est très intéressant. [O novo artigo de J. é muito interessante]*

Ce style n'a rien de nouveau / ???neuf. [Esse estilo não tem nada de novo]

A dimensão deítica veiculada por *nouveau* dá conta das seguintes manipulações:

C'est nouveau, ça vient de sortir. = *c'est récent [é recente]* (Cf. **C'est neuf, ça vient de sortir.*)

Tu as lu son nouveau livre ? = *dernier en date [o último até hoje]* (Cf. **Tu as lu son livre neuf ?*)

Ao contrário, *Neuf* expressa um estado inicial sob um ponto de vista Qualitativo, no sentido em que o caráter inicial define as propriedades intrínsecas do referente, como não sendo alteradas.

C'est un livre neuf ? [é um livro novo?]

Portanto, temos a distribuição: un (QNT) livre (QLT). Resta saber como tratar casos em que *nouveau* se encontra posposto.

C'était l'été, on était le 3 juillet 1947, et un vent nouveau soufflait sur la France.

On commençait à voir les choses sous un jour nouveau.

O interesse deste tipo de dado é de mostrar que nunca se trabalha com tudo ou nada, que existe sempre casos intermediários ou valores transitórios e que, por isso, Quantidade e Qualidade não se opõem, mas

antes se compõem para formar um valor complexo. Assim, *un vent nouveau* é ao mesmo tempo Quantitativo, no sentido do vento que acabou de aparecer, e qualitativo, no sentido de uma “atmosfera particular que não se conhecia”. Resumindo, obtemos a seguinte correspondência distribucional:

Un	X neuf	Qualitativo
Un nouveau	X	Quantitativo
Un	X nouveau	Qnt+Qlt

Deste ponto de vista, podemos avaliar que a semântica da TOE sensibiliza os estudantes para um pensamento não binário. Todas as dissociações de valores polares que estruturam os paradigmas conceituais encontram lugares de articulação:

Valor polar	Valor mediano	Valor antipolar
Identificação	Diferenciação	Ruptura
Interior	Fronteira	Exterior
Compacto	Denso	Discreto
Qualitativo	Quantitativo-qualitativo	Quantitativo

Encontramos aqui o projeto culioliano visando dar conta da plasticidade dos fenômenos linguísticos a partir de um conjunto finito (e predefinido) de operações. É igualmente uma concepção dinâmica da semântica que é apresentada aos estudantes, no sentido em que são convidados a apreender os marcadores em uma dupla relação de oposição/sinonímia:

***Toujours heureux qu’il l’ait fait. | Elle est toujours là | C’est toujours ça de pris.
Encore heureux qu’il l’ait fait. | Elle est encore là. | *C’est encore ça de pris.**

4. Considerações finais

A partir desta breve apresentação, podemos propor uma série de conclusões relativas à colocação em prática dos conceitos da TOE em um quadro didático.

Para começar, podemos afirmar que a semântica enunciativa padrão explora mais especificamente as dimensões deíticas e polifonistas. A semântica culioliana, para além dos paradigmas padrão, caracteriza-se amplamente por uma semântica cognitiva ternária, com o objetivo de dar conta da plasticidade dos marcadores.

Ademais, a semântica da TOE não dispõe de procedimentos específicos de análise que consistiriam em avançar por etapas predefinidas, como, por exemplo: *Determinações > Qnt Qlt > Topologia > . . .* Uma das razões para isso é que os tipos de conceitos em jogo não se sobrepõem. Compõem-se e interagem para chegar a uma forma esquemática. De fato, as análises baseiam-se amplamente na heurística, na intuição e no tateamento teórico. De um ponto de vista pedagógico, temos novamente uma imprecisão metodológica, já que os próprios estudantes são tacitamente levados a avançar sem procedimentos específicos.

Por fim, podemos interrogar-nos sobre a natureza das relações que unem esses conceitos. Por exemplo, o domínio nocional constrói-se em parte a partir de zonas topológicas e de valores de determinação. Porém, o domínio nocional implica igualmente planos de representação, bem como um centro organizador e um centro atrator próprios. Por outro lado, as noções de plano de validação, plano de representação, centro organizador e centro atrator apenas podem ser concebidas em uma perspectiva Qnt Qlt, de tal forma que existem pontos de articulação entre os paradigmas conceituais.

Para concluir, a semântica da TOE oferece um modo de análise integrado e coerente, mas cujo uso depende mais de uma colocação em prática heurística que de um modelo analítico predefinido. Neste sentido, ensinar a enunciação sob a perspectiva da TOE consiste mais em ensinar a pensar a teoria do que em aplicá-la, o que, longe de ser um defeito, reflete precisamente o estado de espírito da dinâmica culioliana.

REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. (1980) « Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives : l'aoristique », *La notion d'aspect*, Actes du colloque de mai 1978 organisé par le Centre d'Analyses syntaxiques de l'Université de Metz, in David, J. et Kleiber, G. (eds.), pp.181-193.

CULIOLI, A. (1985) *notes du séminaire de D.E.A. 1983-1984*, éditées par le Département de Recherches Linguistiques : Université Paris VII.

CULIOLI, A. (1990) *Pour une linguistique de l'énonciation, Tome I*, Collection l'Homme Dans la Langue, Paris : Ophrys.

CULIOLI, A. (1993) *notes du séminaire de D.E.A.*, Paris VII.

CULIOLI, A. (1994) *notes du séminaire de D.E.A.*, Paris VII.

CULIOLI, A. (1999a) *Pour une linguistique de l'énonciation, Tome II*, Collection l'Homme Dans la Langue, Paris : Ophrys.

CULIOLI, A. (1999b) *Pour une linguistique de l'énonciation, Tome III*, Collection l'Homme Dans la Langue, Paris : Ophrys.

DESCLES, J.-P. et Guentcheva Z. (1980) « Construction formelle de la catégorie grammaticale de l'aspect », David, J. et Kleiber, G. (eds.), *La notion d'aspect*, Actes du colloque de mai 1978 organisé par le Centre d'Analyses syntaxiques de l'Université de Metz, pp.195-237.

DESCLES, J. -P. (1990) *Langages applicatifs, langues naturelles et cognition*, Paris : Hermès.

DUFAYE, L. (2009) *Théorie des Opérations Énonciatives et modélisation*, Paris : Ophrys.

FRANCKEL, J.-J. et Lebaud, D. (1990) *Les Figures du sujet*, Paris : Ophrys.

GILBERT, E. (1987) *May, Must, Can et les opérations énonciatives*, Cahiers de recherches T. 3, Paris : Ophrys.

VOGUË, S. de (1992) « si, la syntaxe et le point de vue des opérations », *La Théorie d'Antoine Culioli, Ouvertures et incidences*, Collection l'Homme Dans la Langue, Paris : Ophrys ; pp. 123-144.

Recebido em : 10/08/2016. Aceito em : 21/10/2016.